

Defensivos agrícolas

Brasil faz pouco uso dessa tecnologia

Eduardo Daher*

UM DOS poucos países, entre os grandes produtores agrícolas, cuja competitividade tem condições de atender à demanda mundial por alimentos, fibras e energia renovável, o Brasil ainda se vê diante de um desafio: a necessidade de incrementar o uso de modernas tecnologias na produção rural. É o que revelam os recentes números, por exemplo, do mercado mundial de defensivos agrícolas. O estudo acaba de ser divulgado pela consultoria alemã Kleffmann Group. Segundo o levantamento entre os grandes países produtores, em 2004 o Brasil já detinha um dos melhores números em relação à produtividade por área plantada; naquele ano, o agricultor brasileiro apresentava um dos menores investimentos com defensivos por tonelada produzida e por área plantada. De 2004 a 2007, entre os países maiores usuários de defensivos, o Brasil foi o que mais elevou a produção, sem aumentar a área plantada. Consequentemente, o uso relativo de defensivos, por área e, principalmente, por tonelada produzida, evoluiu menos que nos demais países.

O indicador da sustentabilidade na

produção agrícola brasileira se evidencia no seguinte dado: entre 2004 e 2009, o investimento em defensivos agrícolas registrou alta de apenas 1,5%, em dólar por tonelada de produto colhido. No mesmo período, o Brasil foi o que registrou a maior evolução na produção de alimentos, ampliando em 44,5% o volume. Este incremento no Brasil se verificou mesmo com o país aumentando apenas 4% em área plantada. Portanto, o que ocorreu foi um expressivo ganho de produtividade.

Ou seja, uma leitura superficial – quando não propositadamente distorcida – do mercado mundial de defensivos agrícolas tem levado a uma conclusão absolutamente equivocada: a de que o Brasil é o país que mais utiliza esses produtos. Não é o que dizem os números. Na verdade, o uso no Brasil é muito menor que o observado nos principais países agrícolas – mesmo sabendo-se que a agricultura brasileira, sob clima tropical, exige muito maior uso da tecnologia para controlar as pragas.

De acordo com o levantamento da Kleffmann, quando se ordenam os oito principais países pelo uso de defensivos por

produto agrícola colhido, o *ranking*, em ordem decrescente, é o seguinte: Argentina; União Europeia; China; França; Rússia; Japão; Brasil e Estados Unidos. O fato de os agricultores brasileiros estarem entre aqueles que confiam na tecnologia como fator vital de produtividade indica que o País começa a se preparar para liderar a agricultura mundial dentro de uma década, conforme prevê a FAO. O Brasil é um dos poucos países, entre os grandes produtores agrícolas mundiais, cuja competitividade é capaz de superar o desafio de prover a demanda de alimentos, fibras e energia nas próximas décadas. Para tanto, será indispensável o uso de tecnologias – como sementes, fertilizantes, defensivos, mecanização e informatização – que melhorem a produtividade e poupem recursos naturais.

Diferentes condições agronômicas, de clima e de tipos de culturas, requerem diferentes manejos fitossanitários. Por exemplo, fungicidas são mais utilizados no norte da Europa na cultura de cereais, sob clima úmido e frio; já inseticidas são mais requisitados em climas quentes, onde existe maior diversidade de insetos, pragas, como no Brasil. Os pesquisadores e a comunidade científica, incluindo aqueles que atuam nos órgãos regulatórios dos governos, sabem bem dessa realidade na agricultura. Com números detalhados, eis o que comprovam:

Segundo a Embrapa, a doença Ferrugem Asiática pode diminuir em até 80% a produtividade de uma lavoura. Na cultura do milho, a lagarta do cartucho representa um potencial de até 60% de perda na produção de grãos. Nos canaviais, a infestação de cupins pode causar danos de até dez toneladas por hectare. No algodão, a virose Mosaico das Nervuras pode reduzir a produção em até 60%. ■

Mercado mundial de defensivos agrícolas Uso da tecnologia entre os principais produtores agrícolas - Estatísticas 2009

País	Área Plantada (milhões ha)	Produção (milhões t)	DEF (US\$ milhões)	Produção de biomassa (t/ha)	DEF/Área (US\$/ha)	DEF/Produção (US\$/t)
Argentina	29,14	105,18	1.308	3,61	44,89	12,44
Brasil	65,38	893,22	6,6	13,66	100,95	7,39
China	168,91	1.500,66	1.963	8,88	11,62	1,31
França	13,76	135,87	3.028	9,87	220,06	22,29
Japão	3,06	35,18	3.438	11,50	1.123,53	97,73
Rússia	54,45	196,44	417	3,61	7,66	2,12
UE (base 2004)	87,25	655,21	13.767	7,51	157,79	21,01
UE (atual)	89,94	666,71	13.767	7,41	153,07	20,65
EUA	99,21	674,56	6.355	6,80	64,06	9,42

Fonte: FAO e Amis Global. Países considerados na análise da UE atual: Áustria, Bélgica, Luxemburgo, Bulgária, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Malta, Holanda, Polónia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Reino Unido.

*Economista; pós-graduado em Administração de Empresas; diretor-executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)